

A EDUCAÇÃO FÍSICA

E O EXÉRCITO

Pelo Ten. Cel. José de Lima Figueiredo
(Comandante da E. E. F. E.)

O soldado tem que ser um forte, mas muitas vezes é e tem sido apenas um elemento de parada e guarda de governos truculentos. Temos visto exércitos notáveis fundirem-se no campo de batalha. Não é preciso citar fatos históricos, ontem e hoje, eles estão-se repetindo.

Uma força armada que não é convenientemente exercitada e, pelo contrário, vive uma vida cômoda, folgada e cheia de prazeres, não cumprirá sua missão na guerra. Não é mister que sejam todos fracassos, basta que apenas os oficiais estejam habituados ao luxo e à boa vida. Nos primeiros dias de campanha sentem perder as forças pelas marchas prolongadas, pela alimentação sóbria e às vezes escassa, pelas noites mal dormidas, pela mudança do padrão de vida e pelas mil outras coisas indefiníveis que atuam sobre o homem nos momentos rudes de esforços continuados. O fator físico exerce profunda influência no fator psíquico. Um chefe debilitado, por mais que ele se esforce, acaba cedendo às contingências de ordem moral e, com o desânimo, contribuindo para a derrota da sua força.

O belo conceito de Rousseau — "o corpo obedece quando é forte; quando é fraco, comanda" — jamais perderá sua sabedoria. Um chefe deve ser fisicamente forte, porque a saúde e as qualidades morais andam sempre de braços dados.

Os nossos oficiais, quando arrematados, praticam a educação física e sentem os salutares efeitos dos exercícios físicos na sua mais larga gama de variedade, que vai desde a simples marcha a pé até a múltipla e complicada ginástica que fazem resolvendo um tema no terreno, vingando acíves, transpando arroyos e rios, patinando nos pântanos e banhados, correndo, jogando-se ao solo, rastejando... No fim de pouco tempo, o oficial arrematado é um homem para guerra com suas agruras, com os seus sacrifícios, com as suas tristezas, e também, com as suas glórias.

O oficial de gabinete, geralmente, deixa-se seduzir pelo conforto e traí, lamentavelmente, sua missão na guerra. As exceções desta regra são numerosas, mas, mesmo assim, deveria haver a obrigatoriedade do exercício físico por todos os escalões do Exército e da Armada. Muitas vezes, a falta de um local adequado onde

tudo seja fácil, prende o oficial à cama ou ao gabinete de leitura. Há necessidade de campos de esportes para os oficiais e suas famílias. Aqui no Rio, o Club Militar está em via de resolver, em parte, o assunto. Mas são necessárias outras providências mais generalizadas.

Aqui cabem mais do que em qualquer outra ocasião as palavras criteriosas de Mussolini:

"O vigor mental e físico não se adquire, senão mediante firmes esforços, duras provas e constante luta. É uma lei natural que, quando qualquer órgão não age, se atrofia. A Natureza exige movimento, atividade, combatividade: nossa condição mental e física não pode progredir na inatividade e na resignação. Entregues a pensamentos melancólicos, nos tornamos magros e biliosos; debilitamo-nos física e mentalmente, se nos deixamos também no leito dos prazeres e da ociosidade. A vitalidade impetuosa só se obtém por uma viril disciplina de nossas energias potenciais, mediante a preparação e o treinamento, usando e desenvolvendo nossas forças. Vigor engendra vigor.

"O cultivo da dinâmica corporal não pode marchar separado do cultivo da dinâmica mental. Ambos se devem completar.

"A aquisição e a conservação da saúde exigem ação, ação agressiva, disciplina sem desfalecimentos... e vontade. Não deixar lugar para a resignação, nem para a idéia de derrota. A saúde exige o esquecimento da filosofia da resignação e do prazer contemplativo e sua substituição por uma ação dinâmica e viril. Corpo saudável é corpo combatente. É organismo capaz de fazer".

O General Wavell, em brilhante conferência, afirmou que três eram as qualidades de um bom general: coragem, saúde e juventude. Esta última pode ser representada pela expressão — vigor físico; a segunda, integridade física e a primeira adquirida no berço, herdada dos antepassados, pode também ser obtida ou desenvolvida por uma série de exercícios físicos bem escolhidos.

A educação física rejuvenesce os indivíduos. Quantas vezes não vemos velhos ágeis, firmes, decididos, desafiando as enxaquecas, capazes de fazer muita coisa que homens moços se sentem sem coragem de fazê-lo. O exercício físico deu-lhes vigor que irá atuar como uma reserva de forças na velhice, rejuvenescendo-os. E assim, as três qualidades que o bravo cabo de guerra britânico julga primordiais a um condutor de homens, podem ser adquiridas pelo exercício ininterrupto da educação física.

Aqui cabe um comentário. É comum no Brasil e menos comum nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha, nos países nórdicos e no Japão, cedo os ho-

mens abandonarem completamente a prática salutar do exercício físico. Nós temos a tendência para sermos apenas excelentes pais de família. Vivemos no aconchego do lar, empanturrando-nos de comestíveis e saindo apenas para uma visita, para um divertimento no cinema, no teatro, no casino. Não há o espírito esportivo que caracteriza os povos supra citados, que dedicam seus dias de folga, inteiramente, à vida no campo e à cultura física.

Há pouco, começaram as nossas mulheres a praticar a educação física. E que grita houve! Argumentos de toda ordem foram tecidos. A nossa mentalidade era da mulher cheia de enxundias, vivendo em cochichos atrás das venezianas, falando da vida dos vizinhos e preparando doces para os esposos quando regressassem ao lar. Mesmo quando a mulher ganhou alguma alforria, e passou a desempenhar algumas profissões até então exclusivas dos homens, excusava-se, sob o pretexto de um falso pudor, das competições atléticas e dos exercícios físicos. Todos viviam com a imoralidade nos olhos e nos sentimentos. Ai da moça que se apresentasse numa praia com um pedaço de perna à mostra... O mais inofensivo conceito que lhe dariam, era de sapeca, quando não jurassem os assistentes que nela havia completa ausência de todas as virtudes que exornam a mulher virtuosa. O exercício físico só podia ser praticado se ela se apresentasse dentro de uma camisa de força que a cobrisse do pescoço aos pés. Hodiernamente, o elemento feminino adquire nas praias, nos prados, nas praças de esportes, nas escolas, no lar, mil elementos de saúde e eflúvios morais que, influndo sobre sua personalidade, irão contribuir para a formação da mentalidade dos seus filhos, dando-lhes idéias de cooperação e competição tão necessárias ao povo brasileiro.

A educação física pode, quando bem orientada, preparar toda a Nação para resistir galhardamente a qualquer desgraça em dias tristes de guerra. A Inglaterra, sofrendo fortes e pesados bombardeios, não titubiou um só dia em mudar sua opinião e resistiu denodadamente a todos os sofrimentos. A Alemanha, agindo como um tapete mágico, rolou com energia, por quase todo o chão da Europa. A Finlândia pequenina não teve medo do urso vermelho que lhe fazia caretas e sozinha lutou contra ele. O Japão, sem matérias primas e castigado pelos tufões e abalos sísmicos, repousa toda sua força na alma de sua gente. Todos esses países são habitados por povos desportivos que aprenderam a lutar nos campos de esporte, onde foi desenvolvido a fundo o espírito de cooperação. Para as pessoas que fizeram o esporte a palavra coletividade, tem um sabor especial — significa auxílio recíproco, quer dizer um por todos, e anima o sentimento de solidariedade.

O já citado Mussolini acentuou certa vez: "Os escolares, o Exército, a Marinha, os trabalhadores, todo mundo faz hoje, na Itália uma hora de exercícios, pelo menos. E eu quero que tal ensino fique como um hábito de saúde do povo. Minha pregação, com a palavra e com o exemplo, é constante neste sentido. E há um verdadeiro concerto no Governo e na Nação que encaminha este trabalho por sendas de realização perfeita. Temos que fazer de cada corpo um dinamo de energias, de saúde, de vigor, que possua uma mente equilibrada, desperta, e ambos, corpo e mente,

PROVAS DE TIRO (CONSUMO DE MUNIÇÃO)

Aviso n. 2.793 — Muni. 2 — A vista da solicitação do Comandante da 1.^a Região Militar, fica extensivo aos participantes dos Campeonatos Olímpicos Regionais — oficiais e praças — a dotação de munição aprovada pelo Aviso n. 3.781 Muni. 1, de 7.X.940, nas condições previstas pelo citado Aviso em suas letras A, C e D (Transcrito do D.O. de 19 de setembro de 1941).

A dotação de munição aprovada pelo Aviso acima citado, é a seguinte:

A) Para os corpos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia:
Tantas vezes 450 tiros de fuzil ou mosquetão e 100 tiros de pistola ou revólver, quantas forem as sub-unidades de cada corpo, isto é, companhias, esquadrões e baterias, inclusive as sub-unidades extranumerárias.

C) Para quartéis-generais regionais, centro de instrução de moto-mecanização e formações sanitárias:

400 tiros de fuzil ou mosquetão,

100 tiros de pistola ou revólver.

D) Para os quartéis-generais de D.C., I.D., A.D. e D.D.C. e para as formações de Intendência:

200 tiros de fuzil ou mosquetão;

100 tiros de pistola ou revólver".

serão fontes de inesgotáveis esforços e de órgãos com extraordinária capacidade de luta que é a vida. Porque a vida não é mais que isso, uma constante luta, para a qual devemos estar bem preparados, se não se quiser conhecer o desfalecimento e a derrota".

Todas as páginas de esplendor da história pertencem aos povos de refinado espírito militar que souberam valer-se do atletismo. A este respeito sentenciou o nosso pranteado Coelho Neto: "Assim foi com a cultura física, preconizada por filósofos, legisladores e poetas, que os gregos se militarizaram e tão esforçadamente que, em número proporcionalmente ridículo, contiveram a arremetida asiática e bateram o exército de mais de dois milhões, salvando não só a Pátria, como toda a Civilização ameaçada pela barbaria".

As idéias caóticas da idade medieval, que punham o corpo como inimigo "number one" da alma, relegaram ao esquecimento tudo aquilo que fizera o período áureo da Grécia Antiga. E só no século XVIII a cultura física passa, novamente a ser considerada como parte integrante da educação.

"Na verdade — diz, com muita sapiência, o douto Lourenço Filho — não se pode, hoje, falar de uma educação física, de uma educação intelectual e de uma educação moral, como se fossem coisas distintas, completamente separadas. Se, de um lado, aspectos particulares e necessidades materiais de instalação, podem exigir separação didática de aulas e exercícios, por outro lado, nenhum educador o será, de fato, se não tiver presente a unidade do ser humano, como já lembrava Confúcio — e as mútuas interdependências dos estímulos ou influências educativas, dirijam-se elas ao corpo, à inteligência ou aos sentimentos".

E' sob este aspecto que encaro a educação, mas se ela pode ser assim tão otimamente aplicada nas grandes cidades, o mesmo não sucede no nosso interior. E para conseguir sanar essa falta, o Exército poderá intervir, colaborando com as mães e os professores em todo o recanto do Brasil, onde houver uma caserna.

Três oficinas devem concorrer poderosamente na formação do indivíduo, constituindo uma cadeia silogística: o lar, a escola e o quartel. Geometricamente, poderíamos representá-los como três círculos concêntricos, dos quais o lar seria o do interior e a caserna, o da periferia.

A educação mental recebida no lar é heterogênea, polimorfa e caótica. Fatores mil influem para isso — o grau de cultura dos pais, condições de vida dos mesmos, a alimentação, a higiene, o clima, etc.. No primeiro ciclo, onde muitas vezes, a criança adquire sólido alicerce para a edificação da sua futura estrutura intelectual, cabe às mães o principal esforço, trabalhando denodadamente para a formação perfeita dos sentimentos morais e religiosos — é a formação do coração precedendo a do cérebro; é o desenvolvimento do amor e da bondade antecedendo ao da inteligência que se vai processando automaticamente. O trabalho é ingente e, digamos com franqueza, muitas mães desertam no momento em que sua ação é de todo necessária e os brutamontes semeadores de guerras surdem violentamente com sanha assassina, procurando levar a derrocada a todos os setores da vida, gozando as desgraças alheias e invertendo os princípios basilares da civilização. Esta pesada culpa cabe às mães que desamparam seus filhos, deixando que nos peitos deles tomem vulto não corações de homens, mas de feras sanguessugas.

A doutrina de Jesus é o veículo que une os homens, que congrega toda a humanidade na rota do bem, que nos amenaiza os rancores, que nos aplana as as-

perezas rudes da vida, que nos faz sentir a alegria de viver... E contra ela se investem os novos Atilas, os modernos Tammerlões, os inimigos do sossego humano, cujos corações de ferro foram forjados na infância mercê do descuido de mães indignas deste nome! Aprioristicamente, sem ambages e sem mais argumentos, podemos palear com firmeza que a sangueira desenfreada que corre no mundo é culpa das mães que se esqueceram de Jesus Cristo: é falta de educação no lar.

O comodismo, o luxo, a preguiça dos pais, foram os principais fatores da destruição da criança e, inconscientemente, vão esses progenitores impelindo para as escolas indivíduos com defeitos difíceis de serem corrigidos.

Se é verdade que o espírito domina a matéria, as funções do professor são as mais nobres, as mais elevadas e as mais delicadas que se possam imaginar.

Os professores são os agricultores que cultivam o alimento do cérebro, são os mágicos que transformam terrenos mentais, às vezes totalmente sáfaros, em fontes produtivas de fartas messes — recebem o cérebro em embrião ou já desenvolvido como uma coisa inútil e, no fim de certo

tempo, apresentam o fruto do trabalho persistente e laborioso, as boninas cândidas e belas que brotam, com cores vivíssimas, de inteligência. Aqueles que cultivam sua própria mentalidade e contribuem para o desenvolvimento da do próximo, desempenham a missão ultra-sublime de elevar o nível intelectual, não só das nações isoladamente, mas, o que é principal, da humanidade em conjunto. E tão importante é a ação sobre o cérebro humano, que os afeccionados de Allan Kardec constatarem-na, através de várias encarnações e explicam os prodígios obtidos neste século da conquista do eter, com o aperfeiçoamento da mentalidade em vários estágios, caracterizados pelas sucessivas passagens do indivíduo pela Terra.

A escola é a segunda oficina, aperfeiçoa os dotes do coração e inicia o cultivo do cérebro. E assim como na primeira se exigem mães desveladas, carinhosas e atentas, nestas se fazem mister professores com acentuada vocação pela carreira que abraçaram. E' preferível ficar ignorante dum assunto do que aprendê-lo com um mestre que não sabe transmiti-lo.

Aquí no Brasil, qualquer um se julga com capacidade para ensinar e os de-

sastres são frequentes — alunos tomam verdadeira ojerisa pela matéria ministrada e fogem, todas as vezes que podem, do mínimo contacto com a mesma. Os verdadeiros mestres topam a cada instante os maiores obstáculos provenientes da falta de sistematização do ensino que contribui em larga escala para a desmoralização do mesmo. A este respeito pontifica o incluíto pedagogo Isaias Alves: "Somos um país de autodidatas que se aforçaram por formar a própria escola, e nessa construção gastam metade das energias que deviam servir ao bem da sociedade. Raros vigam os alcantás, muitos divagam na esterilidade farfalhante do verbalismo; alguns se desdentam nas enseadas bonançosas da ciência. Estes adornam a alma, engrandecem o espírito. Não veem o panorama completo das atividades científicas, porque as árvores não deixam ver a floresta. Raríssimos enrijam a vontade, alargando o espírito e servindo ao bem comum".

A falta de um método se junta a carência de livros. O interesse comercial supera o coletivo, enriquecendo autores inescrupulosos e editores negociastas, ambos exploradores da desgraça alheia, ambos inimigos do próximo, egoístas e egocêntricos.

Na escola, continua a formação moral iniciada no lar e, tendo em vista o bem estar do continente em que vivemos e da nossa querida Pátria, devemos inculcar, no espírito da criança, idéias de aproximação americana e, tomando a Pátria por mística, arraigar, profundamente, no coração e no cérebro dos instruídos, um nacionalismo sadio capaz de, no momento azado, fazer, nos corações dos quarenta e cinco milhões de habitantes, palpitar o coração de um só patriota. Aqui o Exército interveio com bandas de música, bandeiras, marchas, cânticos, preleções em dias festivos.

A esse respeito vou citar um fato histórico, grandiloquente, que exprime o alto conceito em que é tida a escola no Império do Sol Nascente. De volta da grande guerra russo-japonesa, o general Nogui foi recebido à guisa dos antigos romanos — era uma influência, um bom costume ocidental absorvido pelos nipônicos. O povo vibrou de entusiasmo e o imperador diante dos serviços prestados pela bravo cabo de guerra, disse-lhe que no dia imediato, mandar-lhe-ia a mais mimosa recompensa. Dito e feito: na manhã seguinte, Nogui recebia um papel com o sinete imperial. Abriu-o com sofreguidão e verificou que acabava de ser nomeado diretor da maior escola pública de Tóquio. As rugas da face se contrairam e, sem compreender o gesto do imperador, julgou-se diminuído, aniquilado, abatido. Procura o áulico competente para explicar-lhe a significação de tudo que se estava passando e obtem do próprio imperador a seguinte resposta: — "Mandei-o para a escola, porque não o podia mandar para outro lugar, lá o senhor fará a felicidade do Japão, ensinando as crianças de nossa Pátria a amá-la como o senhor ama!"

Na caserna o cidadão se torna apto para defender a terra em que ensaiou seus primeiros passos. É a última oficina e o último estágio. Recebendo-a com ótima educação moral adquirida no lar e suficiente instrução adquirida na Escola, o Exército tem a certeza absoluta de fazer soldados dignos desta maravilhosa terra de Santa Cruz. Todavia, ao contrário disso, indivíduos chegam à idade de prestarem o serviço militar em completo estado de ignorância, analfabetos, com o cérebro completamente obturado. As dificuldades multiplicam-se, quando se antolham cérebros assim. São em tudo semelhantes às sementes de certas árvores como a castanheira, que tem suas sementes envoltas em duros pixídeos; torna-se mister quebrar em primeiro lugar o envólucro. O professor ou o instrutor de um homem assim tem

que se revestir de uma paciência evangélica para, sem ferir susceptibilidades, desferrir violentas marteladas na carcaça que envolve o cérebro bronco.

Por falência mais de fiscalização do que de legislação, as casernas estão repletas, em alguns lugares, de indivíduos nimiamente cegos intelectualmente. E como as guerras de hoje não mais se fazem com músculos como outrora e sim com massa cerebral, como solução foi introduzido o professor no quartel, com o fito de tornar esses homens, que não passaram pela segunda oficina de formação, aptos a exercêrem as suas funções no combate hodlerno. Contudo, por infelicidade, não sucede só isto. Quantos indivíduos não chegam aos vinte anos sem terem tido a educação religiosa e moral que deviam receber no lar junto aos pais. Verdadeiros filhos das hervas são criados ao Deus dará, ao léu, formadores de contingentes de párias, ilotas que se prestam a qualquer ação malévolal, joguetes dos indivíduos que teem formidável cultura, mas não tiveram os efúvios maternos para educar-lhes o coração. Em todo o mundo existem uns e outros em maior número que os que fazem os estágios de formação normalmente, e, como da confusão só poderá sair confusão, porquanto só Deus tem a onipotência de fazer o belo do caos, o mundo anda em sentido inverso e as doutrinas mais esdrúxulas pululam em todos os recantos, levando aos lares a fome, às nações a guerra e a humanidade à desgraça, à descrença, ao luto e à tristeza, metamorfoseando o globo numa vastíssima caldeira de Lucifer.

O Exército recebe os párias, os iconoclastas e os normais e os funde num só cadinho, mercê da democracia em que vivemos, porém, dessa fusão não sai um tipo "standard" de soldado, não sai o cidadão ideal. Com ferro mal forjado de início, nunca se chega a ter bom aço...

Concebendo os três círculos concêntricos de que falamos como órbitas descritas por três astros — a educação no lar, na escola e na caserna — teríamos como satélites gravitando em torno deles: as artes, as indústrias, as comunicações, o comércio, as finanças... Dentro desta estrutura há povos respeitados e nações fortes. Não falei aqui em humanidade, friso, só falei de nações, se bem que desde o berço, seguindo a doutrina sapientíssima de Jesus, devamos amar ao próximo como a nós mesmos. E o mundo seria um paraíso de amor, se pudessemos, sem distinção de castas e de raças, afastar do ser humano o ódio, a inveja, a vaidade, a soberba, elementos geradores das guerras que alguém definiu como uma terapêutica que Deus emprega para purificar a humanidade e que Ruskin considerava como "a mão da virtude e do gênio" e com convicção entenciava que "todas as artes puras e nobres da paz são fundadas sob a guerra". Nestas condições não podemos desprezar a fórmula *si vis pacem para bellum* e temos que inculcar no cérebro, no coração, enfim na inteligência e no sentido da criança, em primeiro lugar, acendrado espírito de nacionalismo, a única coisa que nos fará crescer aos olhos dos allenígenas, seguindo o exemplo de nações agonizantes como a

Alemanha, a Itália e Portugal que completamente desmoralizadas, duma hora para outra se transmudaram em potências respeitadas pelas demais, graças aos esforços de Hitler, de Mussolini e de Salazar. Com acrisolado amor à Pátria em que nascemos, estaremos em breve prazo face a face com as mais adiantadas nações do globo, porquanto saberemos nos defender das falaciosas promessas daqueles que exploraram e exploram a nossa incipiente organização para nos chafurdar, cada vez mais, na lama pútrida do descrédito e assanhar os argentários que corvejam sobre o nosso destino, aguardando o dia da desgraça. Depois de um nacionalismo quase sem limites, a união americana em prosseguimento da doutrina de Monroe — a América para os americanos — que nos porá em condições de enfrentarmos com vantagem os imperialismos e impedir que um novel Pizarro pise plagas do novo continente, nem que aqui sejam recitadas as cenas da recente guerra que envergonhou a face do homem civilizado, fazendo a roda da história desandar séculos atrás. Por último cultive-mos o amor à grande família universal. E aqui surge a estrutura também formada de círculos concêntricos, concebida por Alba Gajizares — o nacionalismo, o americanismo e o humanismo partindo do centro para a periferia, em sentido justamente contrário ao que imaginei na concepção da formação do indivíduo. As duas figuras se completam: numa estão representados os meios, e, noutra, os fins a atingir.

Todo este resultado grandiloquente que ambicionamos, está em nossos mãos, tudo isto será trabalho obtido com perseverança e carinho.

O Exército reunindo a juventude, em dias determinados, nas cidades e nas guarnições afastadas, sob o pretexto de orientar a educação física, terá meio caminho andado para a consecução dos seus fins.

"Cultura física é cultura psíquica", diz o Dr. Plínio Olinto e acrescenta: "A harmonia das funções da vida vegetativa traz a harmonia da vida mental. O bem-estar corporal produz pensamentos nobres e elevados, desperta a inteligência, aperfeiçoa a moral".

Atrás da educação física, vem a educação moral e cívica em doses homeopáticas, aproveitando-se todos os ensejos que se apresentem. Entoando hinos nacionais e marchando nos dias festivos garbosa e contente da sua terra, a juventude brasileira teria a certeza de um Brasil melhor.

O Exército tem credenciais para isso, pois foi ele que inculcou no nosso povo a necessidade da educação física e é ele que, pelas suas atitudes, pelo seu trabalho anônimo, desempenhado com abnegação e ânimo forte, semeia patriotismo, na defesa sacrossanta dos ideais de um povo, na formação da alma brasileira e na mais justa aspiração dos que se empenham a fundo para alargar os horizontes da Pátria.

(Conferência pronunciada no Palácio Tiradentes, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Educação Física)